



Sociedade

Qual o efeito do discurso do Chega na vida da população cigana?

Novos estudos apontam para aumento de atitudes discriminatórias contra este grupo étnico minoritário

Ana Cristina Pereira

O discurso contra os portugueses ciganos foi estratégico para André Ventura e o seu partido. Que eleitores alcança? Aumenta ou diminui as probabilidades de discriminação? Que notam os visados no seu dia-a-dia? O impacto na opinião pública começa a medir-se. Um artigo de Pedro Magalhães e Rui Costa Lopes, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, publicado no *European Journal of Political Research*, mostra como a retórica da direita radical aumenta a discriminação.

Juntaram dois grupos com semelhantes características sociodemográficas. E perguntaram a um e a outro se as medidas de apoio social deveriam aumentar, diminuir ou manter-se. Um grupo foi questionado sem mais e o outro depois de exposto a esta frase: “[Há] grupos sociais que beneficiam continuamente de apoios sem dar qualquer contrapartida para a sociedade, à custa de impostos mais altos e do esgotamento dos contribuintes.”

Concluíram que nem é preciso referir a etnia. Um discurso daquela natureza aumenta 12% a probabilidade de discriminação contra ciganos. Partindo desta experiência, com uma amostra representativa da população portuguesa, extrapolam que a discriminação contra essas comunidades tem uma prevalência de 30%.

Estratégia de marketing

Não é que, em democracia, nenhum político tivesse antes produzido um discurso anticigano - vários autarcas fizeram-no e alguns foram condenados por isso. Nenhum, porém, se servia da aversão àquela minoria étnica como grande estratégia de marketing político.

No livro *Na Cabeça de Ventura*, editado pela Livros Zigurate, o jornalista

do *Expresso* Vítor Matos conta como a ideia surgiu nas autárquicas de 2017. Foi à mesa de um restaurante de Lisboa, era Ventura candidato à Câmara de Loures pela coligação PSD-CDS/PP.

Invocando uma sondagem que nunca mostrou, André Ventura disse que os munícipes identificavam um problema de insegurança, supostamente associada aos residentes ciganos. O consultor de comunicação João Gomes de Almeida incentivou-o a usar isso “na comunicação social nacional” e contactou Sebastião Bugalho, então jornalista do *I*.

A ideia – corrobora o historiador Riccardo Marchi, que se tem dedicado ao estudo das direitas radicais em Portugal – era “chamar a atenção do eleitorado, mas principalmente dos *media* e despertar a reacção dos adversários políticos”. “Ele sabia que era um tema melindroso.”

Houve reacção da esquerda à direita. “Ele não ganhou eleições, mas conquistou espaço mediático e conseguiu um resultado que o PSD nunca tinha conseguido ali”, prossegue Marchi, autor do livro *A Nova Direita Antisistema em Portugal: O Caso do Chega*, publicado pelas Edições 70. “Confirmou que aquele discurso funcionava. E apostou tudo nisso.” Uma lógica típica da direita radical populista.

Na análise de Marchi, com tal discurso Ventura atingiu três tipos de eleitorado. Um “eleitorado de contacto intergrupual, com dificuldades de convivência com a população cigana”. Um eleitorado tablóide, que vê a CMTV e/ou *I* ou *Correio da Manhã*, muito dominados pelo noticiário da criminalidade. E um eleitorado anti-sistema, formado por eleitores que estão “insatisfeitos com o funcionamento da democracia”.

Parece-lhe relevante entender que aqueles últimos “não estão interessados na questão cigana”. “Estão can-



Já há estudos que mostram que a retórica da direita radical aumenta a discriminação

Rodrigo Galhardas diz que Ventura “manipula” a informação para falar dos ciganos como problema

Questionários a pessoas ciganas apontam que “existem diferenças ao nível de discriminação”

sados da narrativa convencional, do politicamente correcto”, sublinha. “Ele rompe com o que geralmente os políticos dizem”, justificou um dos elementos do Chega que entrevistou. “Ele tem coragem de enfrentar os focos de tensões sociais do território”, defendeu outro.

Uma vez desfilado do PSD, Ventura fundou o Chega, que Marchi descreve como “um partido populista da nova direita radical”, com ampla cobertura mediática e crescimento galopante. Nas eleições de 2019, elegeu um deputado. Nas de 2022, 12. Nas de 2024, 50.

Divisão entre “nós” e “eles”

Na dissertação de mestrado em Comunicação na Universidade Católica, Rodrigo Alves Alferes Galhardas analisou os sete debates televisivos protagonizados por Ventura nas Presidenciais de 2021. E desmonta a estratégia discursiva de bode expiatório.

Como é apanágio dos partidos populistas, insistiu numa divisão. Um “nós”, “portugueses”, “povo português”, “portugueses de bem”, “cum-

pidores”, “contribuintes”, “pagadores de impostos”, “trabalhadores”, “que trabalham todos os dias”, “que sustentam a economia portuguesa”, que “estão cansados”. E um “eles”, “esses”, “essa gente”, “aqueles”, “ciganos”, “problema”, “subsidiodependentes”, “auto-excluídos”, os que “não querem pagar habitação”, “não querem pagar impostos”, “não querem trabalhar”.

“A atitude de André Ventura, quando fala sobre os ciganos portugueses, não se foca, de todo, em evocar soluções para melhorar as condições de vida das comunidades”, observa Galhardas. “Concentra-se mais em justificar, através da manipulação, as razões para o facto de as considerar um problema.”

“A estratégia política de André Ventura concentrada no ataque às comunidades ciganas levou a que o tema da ciganofobia voltasse a ser um tema, quer na agenda mediática, quer na agenda política nacional, colocando os ciganos no centro do debate social, político e económico”, escreveu ainda. E isso “tem impactos directos”.

Análise

Como André Ventura mudou o foco dos ciganos para os imigrantes

Ana Cristina Pereira

Líder do Chega não deixou de apontar o dedo às comunidades ciganas, mas passou a dar-lhes menos relevância estratégica

Algo mudou na estratégia de André Ventura. Nas últimas campanhas eleitorais, não deixou de cavalgar a aversão às comunidades ciganas, mas puxou os imigrantes para o centro do discurso, a reboque do pacote legislativo apresentado pelo Governo PSD/CDS-PP.

“No princípio, o Chega era quase monotemático”, analisa o historiador Riccardo Marchi, autor do livro *A Nova Direita Anti-sistema em Portugal: O Caso do Chega*, publicado pelas Edições 70. “Era o partido do anticiganismo.”

O expoente dessa postura ocorreu na pandemia de covid-19, quando Ventura anunciou um plano de confinamento específico para a população cigana. “Era uma proposta claramente racista. Com base numa situação pontual, quis abranger toda uma etnia.”

Não foi pelo protesto dos activistas ciganos ou dos adversários políticos que Ventura mudou. “Houve uma pressão dos dirigentes e dos militantes do Chega”, diz Marchi. “Não estavam interessados em ser o partido do anticiganismo. Estavam interessados em ser um partido anti-sistema.”

Não deixou de apontar o dedo às comunidades ciganas, mas passou a dar-lhes menos relevância estratégica e a apostar mais no tema da imigração. Observa o investigador que, em 2019, quando foi eleito pela primeira vez para o Parlamento, “a imigração não era tema”. “Hoje fala-se da imigração diariamente. Ele sabe que é o único político relevante que pode levantar essa bandeira. E apostou nisso nas eleições de 2022 e 2024.”

Na campanha para as legislativas propôs estabelecer quotas anuais para imigrantes, acabar com os vistos CPLP, criminalizar a permanência irregular no território nacional, prever o repatriamento forçado de quem “não demonstre capacidade de auto-subsistência”, limitar os apoios sociais aos estrangeiros que tenham feito cinco ou mais anos de descontos. Depois, começou a ouvir-se Ventura gritar: “Nem mais um! Nem mais um!”

“Isto é um fenómeno que acontece em vários países europeus”, torna Marchi. “Apesar de tudo, o Chega

não fecha as portas totalmente à imigração. Isto vem também da pressão que o partido teve da base, de militantes que precisam de imigrantes – pequenos empresários no têxtil, no calçado, no turismo, na restauração, na agricultura. Essa base não está interessada na imigração zero.”

As teorias da conspiração sobre uma suposta substituição populacional estão a fazer o seu caminho. Olhando para dentro do partido, Marchi dá pela existência de um nacionalismo étnico e de um nacionalismo cívico. “O nacionalismo cívico é o que diz que portugueses pode ser qualquer um que se sente português, independentemente das suas características étnicas. O nacionalismo étnico é o que diz que português é filho de português, numa linha de sangue. No Chega, há uma mistura dos dois. São muito valorizadas as questões do nasci-

mento, da língua, da cultura, mas também o sentir-se português”.

É nesse contexto que enquadra, por exemplo, Gabriel Mithá Ribeiro, que nasceu em Moçambique e vive em Portugal desde 1980. E Marcus dos Santos, que nasceu no Brasil, casou-se com uma portuguesa e adquiriu nacionalidade portuguesa. E mesmo Rita Matias, deputada do Chega, descende de goeses.

“A crítica feroz que o Chega faz a activistas como Mamadou Ba [dirigente do SOS Racismo] não é por serem negros, mas por dizerem que Portugal é colonialista e racista, por dizerem que os Descobrimientos não foram um período glorioso, mas uma vergonha pela qual Portugal deve pedir desculpa. No entender deles, isso é um discurso de quem odeia Portugal.” Por isso, Ventura acusou o próprio Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, de traição quando este falou em reparações.



Galhardas aplicou um questionário a 36 pessoas de etnia cigana, com idades compreendidas entre os 16 e os 68 anos, a maioria empregados (61,9%). A esmagadora maioria da amostra considera que “existem diferenças ao nível de discriminação contra as pessoas ciganas” (92,1%). A maior parte está convencida de que, após o nascimento do Chega, se tornou mais difícil obter trabalho (77,8%), aceder à habitação (73,0%), à saúde (63,5%).

Na dissertação de mestrado em Estudos Internacionais que fez no Iscte, Jéssica Martins também explorou “opiniões e perspectivas de pessoas ciganas portuguesas”. Realizou então 16 entrevistas a pessoas que são activistas ou referências nas comunidades.

“As pessoas entrevistadas opõem-se ao Chega e ao potencial aumento e normalização de preconceitos em Portugal”, escreveu. A sua percepção é a de que o racismo “profundamente enraizado na sociedade portuguesa se tornou mais aberto e explícito”, já que o partido normaliza um tipo de discurso que é usado

por membros da sociedade maioritária como “justificação ou pretexto para expressar insatisfação com as comunidades ciganas”.

Disse-lhe um jovem de 20 anos: “As pessoas iam ao café e diziam: ‘Não gosto de ciganos’. E falavam entre elas. Desde que André Ventura apareceu, há alguém que personifica essas conversas racistas.”

Declarou uma mulher de 29 anos: “Desde o momento em que têm alguém que diz todas as coisas que eles gostariam de dizer, mas não podem, acreditam que têm cartabranca para fazer o mesmo. E até aqueles que não dizem abertamente que são racistas dizem: ‘Eu concordo com o André Ventura nisso...’”

Há um medo que se propaga entre alguns. Comentou um homem de 54 anos: “Para mim, se ele chegar ao poder, provavelmente vai ter a ideia de criar uma ‘Cigandalândia’ e nos meter todos num buraco com um muro à volta, do tipo: ‘Podem todos lá viver e matar-se uns aos outros’. Isto é o que ele gostaria de fazer connosco.”



Historiador Riccardo Marchi tem estudado o caso do Chega

ID: 111888480

30-06-2024

Estudos

**Discurso do
Chega aumenta
discriminação
contra ciganos**

Sociedade, 16/17
